

A Figura Carismática de João XXIII e seu Programa Conciliar de “Aggiornamento”

;

Ao longo dos tempos modernos e sobretudo desde a Revolução Francesa, a Igreja pensou e viveu sua necessária relação ao mundo em atitude predominantemente negativa e defensiva. Deste ponto de vista, o Concílio Vaticano II e particularmente a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* são marco histórico de mudança: a atitude adotada com relação ao “mundo moderno” (embora o Concílio não use esta expressão) não é de oposição global e de confrontação, mas de abertura e de discernimento, de diálogo. A novidade e significação desta atitude está em que ela é adotada não somente ao nível de reflexão e da ação levadas a cabo por minorias de católicos especialmente sensíveis aos problemas lançados ao Cristianismo e à Igreja no “mundo moderno”, senão que é assumida e proclamada oficialmente e solenemente a nível do magistério conciliar. O Concílio Vaticano II em geral e a Constituição pastoral em particular não surgiram, todavia, por geração espontânea e em terreno não cultivado. São

fruto de longo e penoso itinerário; para se compreenderem em sua intenção e significado profundos, têm que ser vistos no pano de fundo das repetidas tentativas que de modo crescente se vêm fazendo ao longo dos últimos 150 anos para entabolar um diálogo em profundidade entre a Igreja e a modernidade.¹

Por outra parte, não se pode explicar adequadamente a nova atitude de abertura e de diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo, adotada no Concílio, se nela se vê a mera conseqüência lógica e previsível das referidas tentativas; como estuário necessário e incontível destas correntes de idéias e dos movimentos que, presentes e atuantes no seio da Igreja em grupos minoritários, passaram finalmente a ser dominantes.² Sem a renovação teológica e pastoral que o precedeu, o Concílio Vaticano II não poderia ter sido o que foi. Mas não é menos verdade que foi acontecimento inesperado e ninguém o previu. Para poder compreendê-lo em sua intenção profunda, é necessária uma análise teológica da influência que a figura carismática de João XXIII exerceu sobre ele.

O presente estudo tenta contribuir para a compreensão do Concílio Vaticano II nesta perspectiva. Esta perspectiva já limitada, mas fundamental, será ainda mais restrita ao se desenvolver em referência sobretudo à temática e problemática de uma teologia

1. Cf. A. MIRGELER, *Was heisst "Aggiornamento" wirklich? uber den geschichtlichen Ursprung der Entzweiung von Kirche und Welt: Wort und Wahrheit* 21 (1966) 52-57; H. C. DE LIMA VAZ, *Cristianismo e mundo moderno. Posição e evolução do problema: Paz e Terra* 2 (1968) 5-20; TH. F. O'DEA, *The Catholic Crisis*, Boston, 1969; G. MARTINA, *La Chiesa nell'età dell'assolutismo, del liberalismo, del totalitarismo. Da Lutero ai nostri giorni*, Brescia, 1970.

2. Prova de que as correntes renovadoras tinham sido assimiladas apenas por minorias dentro da Igreja, pode se obter analisando as respostas enviadas pelos bispos, prelados e universidades católicas do mundo todo às comissões ante-preparatórias do Concílio. Nessas respostas aparece com toda clareza que a falta de sensibilidade ante as dimensões reais da problemática teológica e pastoral, contida nos grandes temas que seriam abordados pelos documentos conciliares, era então geral e de modo algum mentalidade exclusiva da Cúria Romana. Apesar de a consulta feita ter sido praticamente universal e de maneira que se deixava liberdade total para as respostas, estas foram freqüentemente decepcionantes. "D'après les quelques sondages rapides que nous avons pu faire, nous ne croyons pas nous tromper en disant que la majorité des consultants n'envisagent que des petites reformes... On constate un manque d'imagination, une absence de vues universelles sur les questions que le monde pose à l'Église" (R. ROUQUETTE, *La fin d'une chrétienté*, vol. I, Paris, 1968, 87 s; no mesmo sentido se expressam, por exemplo G. M. GARRONE, *El Concilio. Su unidad interna*, Bilbao, 1968, 12 s e G. ALBERIGO, *La Constitución en relación con el magisterio global del Concilio, en la Iglesia en el mundo de hoy. Estudios y comentarios a la Constitución pastoral "Gaudium et Spes" del Concilio Vaticano II* (ed. por G. Barauna), Madrid 1967, 203).

da relação Igreja-mundo. Em primeiro lugar (1) se assinalam alguns aspectos da personalidade religiosa e intelectual de João XXIII em cujo segredo é absolutamente necessário penetrar para poder compreender o Concílio Vaticano II, tão fortemente marcado por seu "espírito" desde o primeiro momento. A seguir (2) se procura mostrar em que consiste o caráter carismático da idéia de convocar o Concílio; um ponto de capital importância para a compreensão e para a prática da missão da Igreja no mundo. Finalmente (3) se indicam alguns dados fundamentais para poder compreender a gênese histórica e a dimensão teológico-espiritual da idéia de *aggiornamento* de João XXIII, idéia que será logo ulteriormente analisada à luz do discurso inaugural do Concílio.

1. O SEGREDO DA PESSOA E DA OBRA DE JOÃO XXIII

É fato histórico que João XXIII comoveu o mundo com o calor de sua bondade. Sua mensagem de paz, de unidade, de fraternidade, de amor, chegou ao coração das multidões.³ Contudo, a figura do papa João, que num primeiro momento aparece como transparente, toda ela bondade e singeleza, se vai tornando desconcertante por alguns de seus aspectos e inclusive às vezes aparentemente contraditória, à medida que o olhar se vai tornando mais penetrante e crítico.⁴

Propuseram-se as mais diversas hipóteses, trazendo argumentos em favor de cada uma delas, para explicar a personalidade e a obra de João XXIII. Junto à que se poderia qualificar de imagem popular do papa João (a mais divulgada e cujos traços mais característicos são a bondade e a doçura, a singeleza e a humildade, a paz e a serenidade, a espontaneidade e até certa ingenuidade), se poderiam distinguir duas imagens extremas: uma de tipo minimalista⁵ e outra de tipo maximalista,⁶ as quais são, em última análise, mais superficiais e deformantes que a imagem popular.

3. Vejam-se os testemunhos recolhidos por CAPRILLE, II, 323 s; e sobretudo as reações suscitadas por sua morte entre os homens de todas as classes, religiões e ideologias: *ibid.*, 424-437 (A obra de G. CAPRILLE, *Il Concilio Vaticano II*, vol. I-V, Roma 1966-1969, doravante será sempre citada abreviadamente como aqui).

4. Cf. R. ROUQUETTE, *op. cit.*, 309, 315 s, 319 s; W. SEIBEL, *Johannes XXIII. Der Papst des Überganges in eine neue Zeit*, Würzburg 1964, 5-9. Significativa sob este ponto de vista é também a diversidade de juízos emitidos sobre João XXIII pelos 90 bispos entrevistados por R. CAPORALE, *Vaticano II: El último de los concilios*, Barcelona, 1966.

5. Um exemplo desta imagem é o seguinte juízo de Mons. Heenan: "O papa João pertencia a este tipo de católico passado de moda que se costuma chamar "bonzinho" (literalmente: "jardinzinho d'alma"). Lía o Padre Faber e estou seguro que rezava com regularidade a ladainha do

Não há dúvida que nestas "imagens" há elementos verdadeiros. Mas quando são acentuados de maneira tão unilateral desfiguram a personalidade de João XXIII,⁷ chegando às vezes a falseá-la completamente. Na realidade, nenhuma destas "imagens" tomadas em sua unilateralidade, resiste à confrontação com os fatos.⁸

Para descobrir, ao menos aproximadamente, a verdadeira grandeza humana, cristã e carismática do papa Roncalli; para poder

Sagrado Coração. Não foi pensador original... Nem foi inovador nem se pode dizer que tenha introduzido nenhuma grande reforma... O papa que conheci não se parecia em nada ao João mítico. Meu papa João parecia mais um bom pároco" (citado por E. E. Y. HALLES, *La revolución del papa Juan*, Barcelona 1967, 13). O juízo do Arcebispo de Westminster é muito mais "objetivo" quando, na linha da intuição do povo, sensível sobretudo a valores do coração, afirma: "Sua grande obra consistiu em ensinar o mundo do século XX, o pequeno que é o ódio e o grande que é o amor" (citado *ibid.*).

6. Exemplo da imagem maximalista é a tese de Robert Kaiser, segundo quem o papa João foi um gênio político: "Sob suas obras de extraordinária ressonância política, jazia uma visão intuitiva da situação geopolítica de nosso mundo" (citado por E. E. Y. HALLES, *op. cit.*, 14).

7. Esta observação vige também para a imagem popular. O povo é sensível, por intuição, ao essencial. O essencial para ele são os valores do coração. Mas quando se vê só com o coração, se corre o perigo de simplificar, desfigurar e mesmo caricaturar uma realidade que é muito mais complexa. Ora, uma caricatura, por ser feita com amor e simpatia, não deixa de ser caricatura. A figura humana e religiosa de João XXIII é igualmente desfigurada quando se faz dela um "mito". (Cf. o artigo de R. ROUQUETTE, *Le Mystère Roncalli*, publicado primeiramente na revista *Études* por ocasião da morte do papa e onde se analisam lucidamente as raízes profundas desta espécie de culto popular para com o papa defunto e se criticam suas ambigüidades. O artigo ecoou amplamente mas também escandalizou alguns precisamente porque destruiu o "mito" do papa João. Voltando a reescrevê-lo quatro anos mais tarde em suas crônicas conciliares (*La fin d'une chrétienté*, I, 307-322), o autor escreve: "En fait, mon seul but était, conformément à l'esprit de saine hagiographie d'aujourd'hui, de montrer que le saint prophétique qu'avait effectivement été Jean XXIII restait un homme en pleine humanité, avec ses limites et ses faiblesses qui, comme les ombres dans un Rembrandt, mettent en éclatante lumière l'incontestable grandeur des dons de Dieu en cet homme qui a toujours vécu héroïquement d'une entière fidélité à la volonté divine; c'est la plus authentique sainteté, la seule authentique" (*ibid.*, 307).

8. Eis aqui alguns fatos que mostram como a "imagem minimalista" carece de alicerce: "Não houve em toda a história pontifícia um papa que tivesse exposto idéias tão específicas e tão práticas no campo da organização social, como o fez o papa João nas encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*... Tampouco existiu na história eclesiástica um quadriênio que tenha mudado de tal forma a política da Igreja como a mudou o papa João" (E. E. Y. HALLES, *op. cit.*, 6). "Um bom pároco, se chega alguma vez a papa, não chama a atenção do mundo, não publica encíclicas de caráter revolucionário, não põe em marcha a máquina da aproximação ecumênica, não reúne e dirige um Concílio Ecumênico da Igreja, nem começa tampouco a fundir o gelo da guerra fria. E, sobretudo, não faz nunca estas coisas à idade dos oitenta anos" (*ibid.*, 14).

compreender a significação eclesial das opções e realizações do seu pontificado, temos que analisar o processo de maturação teológico-espiritual de suas atitudes espirituais mais profundas e de suas idéias-chave; e ler depois, à luz assim adquirida, seus discursos e documentos.⁹

O que centra toda a vida espiritual e toda a atividade de João XXIII ao serviço da Igreja é a busca da vontade de Deus e a entrega a ela por cima de qualquer outra consideração.¹⁰ Uma vez eleito para exercer na Igreja Universal o serviço de Pedro, sua "espiritualidade" não mudou: continuou se esforçando para ser o humilde instrumento dos planos de Deus. Aquelas de suas ações que desconcertaram a muitos ou apareceram como revolucionárias (e às vezes realmente o foram, como o Concílio Vaticano II, convocado por ele), para ele não eram senão respostas concretas ao que cria a vontade de Deus.¹¹

Se não se leva em conta o fator "santidade", nada se pode entender da vida e da obra de João XXIII. Mas não só a santidade do papa Roncalli; tem-se que levar em conta também outros fatores. Simples comparação entre seu pontificado e o de seus predecessores desde meados do século passado o mostra claramente. Não há razão para infirmar que estes buscaram também muito sincera, ardente e abnegadamente o cumprimento da vontade de Deus, o bem da Igreja e de todos os homens. É fato, contudo,

9. W. SEIBEL tenta explicar nesta linha o enigma da figura de João XXIII: "Wir müssen die geistigen Haltungen zu verstehen suchen, aus denen Johannes XXIII in der Kraft seines tiefen und selbstverständlichen Glaubens lebte. Denn solche geistliche Grundhaltungen prägten sein Leben von Anfang an. Sie gaben auch seinem Pontifikat die Richtung. In ihrem Licht ging er den Weg, den er als richtig erkannte, um seine grossen Intentionen zum Ziel zu führen" (W. SEIBEL, *op. cit.*, 10).

10. Ele mesmo revela nestes termos, em nota escrita em 1959, o mistério de sua vida: "Questo è il mistero della mia vita. Non cercate altre spiegazioni. Ho sempre ripetuto la frase di San Gregorio Nazianzeno: *Voluntas tua pax nostra* ... Lo stesso pensiero è contenuto nelle altre parole che mi tennero sempre buona compagnia: *Oboedientia et pax*" (GIOVANNI XXIII, *Il Giornale dell'anima e altri scritti di pietà*, Roma 1964, 331, nota 1).

11. "Er hätte es als Vermessenheit erachtet, eigene Ideen in der Kirche durchsetzen zu wollen, solange er nicht mit Sicherheit um ihrem göttlichen Ursprung wusste. Er führte sein Amt in Geist des Charismas. Die plötzliche Aktivität des Papstes nach seiner Wahl ist darum nur die Aktivität des Gehorsams gegen den sicher erkannten Willen Gottes" (W. SEIBEL, *op. cit.*, 14; cf. R. ROUQUETTE, *op. cit.*, 311; G. LERCARO, *Indirizzi metodologici per una ricerca sull'opera di Papa Giovanni: Il Mulino* (jun. 1965) 655-658; E. E. Y. HALLES, *op. cit.*, 13-17; F. WULF, *Die geistliche Gestalt Johannes XXIII: Geist und Leben*, 35 (1962) 454-459.

12. As tentativas de explicar e resolver todas as questões por recurso à "santidade" dão inevitavelmente a impressão de solução tipo "deus ex machina", quer dizer, de pseudo-solução que mistifica os problemas reais e acaba desvirtuando a realidade da santidade.

que, censurando e rejeitando (frequentemente, com demasiada rispidez) o "mundo moderno", não conseguiram estabelecer diálogo entre a Igreja e o mundo contemporâneo e a separação e oposição entre ambos se fez maior. João XXIII, pelo contrário, soube discernir as aspirações e os valores positivos do mundo contemporâneo, vendo inclusive nisto múnus epocal do ministério pastoral da Igreja. Não viveu obsecado com os "males de nosso tempo", não quis limitar-se a repetir as "verdades eternas" contrapondo-as aos "erros modernos"; soube, pelo contrário, captar nesta hora de tão radicais mudanças as necessidades e aspirações profundas, muitas vezes secretas, do homem de hoje.¹³

A primazia dada à dimensão espiritual e às qualidades de coração pode, contudo, levar a subestimar a dimensão intelectual da personalidade de João XXIII. É preciso ter muito presente esta dimensão para compreender em todo seu significado a orientação revolucionária dada por ele ao Concílio, e em particular sua concepção da presença e da ação da Igreja no mundo.

João XXIII tinha da história, visão profundamente teológica e espiritual, sustentada e alimentada pelo contato com as fontes, direto e cultivado durante mais de meio século. Ângelo Roncalli aprendeu a ser criador por uma comunhão prolongada e fecunda com o original. Este tipo de personalidade intelectual pode parecer à primeira vista um pouco ingênuo, sobretudo se comparado com o homem de escola, que tem a segurança que lhe dão as fórmulas e a sistematização dos manuais, ou com o intelectual amplamente informado da problemática atual através dos últimos ensaios e monografias. Em realidade, o homem das fontes é quem cria cultura, a quem a comunhão vital com o passado dota de peculiar sensibilidade para descobrir o sentido da história, para conhecer em profundidade as exigências de cada situação his-

13. Revelador da atitude positiva e aberta de João XXIII ante o mundo contemporâneo é o estudo comparativo feito por G. CAPRILLE (*Dopo l'indizione del Concilio ecumenico. Dalla bolla "Aeterni Patris" alla "Humanae salutis"*, em CAPRILLE I/2, 690-696), entre as duas bulas de convocação do Vaticano I e do Vaticano II. O autor faz notar a diversidade de tom dos documentos, mas cremos que ela se deveria entatizar ainda mais.

Depois de aludir às tentativas parciais de diálogo entre Igreja e mundo moderno, feitas desde o século passado, J. Frisque escreve: "Certo, no momento em que João XXIII sucede a Pio XII, o grande problema que se coloca à Igreja continua sendo a reconciliação com o mundo moderno. A comparação entre os dois pontífices é esclarecedora. Sem dúvida, não há papa que se tenha interessado pelos problemas humanos mais que Pio XII; mas é a Igreja de ontem que, por meio dele, se interessa pelo homem de hoje. Com João XXIII o contraste é total: uns quantos anos de pontificado lhe bastam para produzir a mudança decisiva". (J. FRISQUE, *Primer balance del Vaticano II*, em *El Concilio, mito, historia, realidad?* (obra em colaboración), Barcelona, 1967, 144).

tórica e responder concreta e institucionalmente a elas. O cardeal Lercaro viu em Ângelo Roncalli um homem de cultura neste último sentido.¹⁴

Nota marcante da personalidade de João XXIII era o otimismo; otimismo que não se devia contudo a alegada ingenuidade e ignorância da realidade. João XXIII vê com lucidez os males e os aspectos negativos do mundo contemporâneo e os chama por seu nome quando julga necessário: desequilíbrios e injustiças de dimensões planetárias;¹⁵ o caráter ambivalente dos grandes movimentos históricos;¹⁶ as ambigüidades e riscos do progresso científico-técnico, o qual, se por uma parte foi e continua sendo libertador de inumeráveis escravidões do homem, por outra parte foi e continua sendo usado contra o homem; o fenômeno novo e tremendo do ateísmo militante;¹⁷ a opressão e escravidão de indivíduos e povos;¹⁸ a falta de liberdade e a perseguição religiosa;¹⁹ etc.

14. Cf. G. LERCARO, *art. cit.*, esp. 652-655. Dentro do interesse geral de João XXIII pela história eclesiástica, ocupava um lugar especial o estudo dos sínodos e concílios. (Cf. E. FOGLIASSO, *Il Concilio Ecumenico Vaticano II nella vita del Santo Padre Giovanni XXIII*, Roma 1962, 69-74). O que parece, contudo, tê-lo enriquecido mais foi o contato com algumas grandes figuras da história da Igreja. Entre os Padres, seus prediletos foram: Santo Ambrósio, São Leão Magno, que lhe foi "familiar desde a juventude" (Mensagem natalícia de 1961: AAS 54 (1962) 15), Santo Agostinho e sobretudo São Gregório Magno (sua *Regula pastoralis* foi um de seus livros preferidos; do mesmo autor parece ter tomado seu conceito de pastoral (cf. F. M. WILLAM, *Vom jungen Angelo Roncalli 1903-1907 zum Papst Johannes XXIII 1958-1963*, Innsbruck 1967, 116-122). Um lugar de destaque entre as figuras que marcaram a personalidade e obra do papa Roncalli ocupa o São Carlos Borromeo, o grande promotor da reforma católica do século XIV. Angelo Roncalli entrou em contato intenso com a obra de São Carlos Borromeo pelo menos desde 1906. Ao longo de 50 anos (1909-1958), editou em cinco volumes as atas da visita apostólica do Santo a Bérghamo em 1575. O contato com o grande reformador católico marcou igualmente seu conceito de reforma da Igreja (cf. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 122-128). Ao final da homilia do dia de sua coroação, precisamente na festa do santo (04-11-1958) o papa disse: "La figura di questo arcivescovo di Milano, da annoverarsi frai piú grandi pastori di anime nella storia della Chiesa in tutti i secoli, ci é da molto tempo assai cara" (citado em CAPRILLE I/1, 39). Finalmente, exerceram também notável influência em João XXIII os grandes pensadores católicos modernos Newman e Mercier (cf. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 108 s, 151 s).

15. Cfr. *Mater et Magistra*, AAS 53 (1961) 448; *Humanae Salutis*, em *Sacrosanctum Oecumenicum Concilium Vaticanum II. Constitutiones, Decreta, Declarationes*, Typis Polyglottis Vaticanis, Roma 1966 (doravante citada com a sigla CDD), 840.

16. Cf. *Mater et Magistra*, *loc. cit.*, 457 s.

17. Dele diz Joao XXIII na constituição apostólica *Humanae Salutis*: "Quod novum sane atque formidolosum existimandum est" (CDD, 840); cf. também a Radiomensagem de Natal de 1958: SS 51 (1959) 11.

18. Cf. *ibid.*

19. Cf. a primeira Radiomensagem ao mundo: AAS 50 (1958) 839.

O conhecimento de todos estes males e profunda dor sentida diante deles não conseguem, todavia, solapar sua visão otimista da História. O Otimismo que é também fruto de prolongada educação espiritual;²⁰ atitude de princípio motivada por sadio senso comum e prático,²¹ e sobretudo por visão teológica profunda da história da humanidade e da história da Igreja.²² As raízes da visão otimista da História de João XXIII (a qual marcaria tão fortemente o Concílio desde o discurso inicial de 11 de outubro) imergem nas profundidades de sua vida espiritual, caracterizada como “espiritualidade da esperança”.²³ Sua tendência a fixar-se sobretudo nos pontos luminosos, nas potencialidades evangélicas do mundo de hoje, sua esperança de dias melhores para a Igreja e o mundo, brotam de solo fecundado por intensa vida e fé, de esperança, de amor: de fé inquebrantável na presença irrevogável do amor de Deus no mundo e na Igreja, ainda nos momentos mais obscuros de sua História; do amor a este mundo, aos homens amados e salvos por Deus em Cristo; de esperança no presente e no futuro desse mundo, na vitória escatológica da graça e do amor sobre o pecado e o ódio.

20. “Per temperamento naturale e per educazione spirituale prolungata, di cui ringrazio al Signore, io non sono inclinato al pessimismo” (Carta de Quaresma (23-02-1955), citada por E. FOGLIASSO, *op. cit.*, 48 s).

21. “Ottimisti dobbiamo essere o farci: il pessimismo non ha mai servito a nulla di bene né servirà mai” (Discurso comemorativo do centenário do Cardeal Mai (Bergamo, 10-09-1954), citado *ibid.*, 49). “L’ottimismo temperato della conoscenza reale del proprio tempo e del proprio paese, delle persone e delle situazioni, e soprattutto temperato de una visione che direi teologica della vita, produce effetti straordinari” (Resposta às felicitações de Ano Novo da Ação Católica de Veneza (01-01-1958), citado *ibid.*, 48).

22. Eis aqui duas explicações da visão teológica da vida e da história de que fala a nota anterior: “Novimus quidem horum malorum conspectum quorumdam animos adeo percellere, ut nonnisi tenebras cernant, quibus putent hunc mundum penitus obvolvi. Nobis vero fiduciam Nostram firmissimam perplacet in divino generis humani Servatore collocare, qui mortales a se redemptos minime derelinquit” (*Humanae salutis*, CDD, 841). Em continuação, em passagem que terá muita influência na elaboração da Constituição pastoral, João XXIII escreve: “Immo vero, monitis obsecuti Christi Domini nos hortantis ut signa... temporum dignoscarnus, inter tot taetricas caligines, indicia pervidemus, eaque non pauca, quae Ecclesiae humanoque generi melioris aevi videntur auspicia portendere”.

23. Cf. J. RATZINGER, *Rückblick auf das Konzil*, 31 s (cito segundo as notas do curso dado com esse título durante o primeiro semestre do ano escolar 1965-1966 na Universidade de Tübinga. O Conteúdo deste curso foi publicado em dois pequenos folhetos: *Die erste Sitzungsperiode des Zweiten Vatikanischen Konzils. Ein Rückblick*, Köln 1963 e *Das Konzil auf dem Weg. Rückblick auf die zweite Sitzungsperiode*, Köln 1964, que não me foi dado consultar).

Das mesmas profundezas nasceu sua concepção da missão da Igreja no mundo. A Igreja deve estar inteiramente ao serviço da fé, da esperança e do amor. Modo privilegiado de serviço da Igreja ao mundo de hoje deve ser o discernir os “sinais dos tempos”, o explicar, viver e irradiar as potencialidades evangélicas no mundo de hoje; a busca da verdade, o desejo de liberdade, de justiça, de paz, de fraternidade, de unidade. A partir de sua confiança ilimitada no amor de Deus e de sua abertura de coração a todos os homens, se explica a extraordinária receptividade da mensagem de João XXIII. Esta atitude espiritual que alimentava seu ministério pastoral logrou criar entre os homens de boa vontade um clima de confiança e de reconciliação.

2. ORIGEM E CARÁTER CARISMÁTICO DA IDÉIA DO CONCÍLIO

A idéia de convocar o Concílio Ecumênico surgiu em João XXIII nos primeiros dias de pontificado.²⁴ O papa insistirá muitas vezes no caráter repentino e inesperado da idéia, usando em várias ocasiões o termo “inspiração”.²⁵ Algumas das expressões e imagens usadas, indicam, contudo, que a idéia qualificada de “espontânea”, “imprevista”, “inesperada”, etc.²⁶ tinha em realidade raízes bem profundas. Ela foi o fruto de um processo prolongado e escondido de germinação, de crescimento e de maturação ao longo do qual a natureza e a graça foram configurando, numa lenta, árdua e fecunda sinergia, a personalidade humana e espiritual

;

24. Um “acento coraggioso del Concilio appare per la prima volta il 2 novembre 1958. Ne è rimasta documentazione sul foglio di udienza a quella data” (Mons. L. CAPOVILLA, *Concilio Ecumenico Vaticano II, segno dei tempi*: Il Simbolo 23 (1966) 199, citado em CAPRILLE I/1, 40. Para maior informação, cf. *ibid.*, 40-45, 437; V, 702-705). O primeiro anúncio oficial foi feito aos cardeais reunidos na sala capitular de São Paulo extra muros no dia 25 de janeiro de 1959 (cf. o texto da alocação em AAS 51 (1959) 65-69).

25. “... il Concilio Ecumenico, per il cui annunzio ascoltammo una ispirazione della cui spontaneità sentiamo, nella umiltà della nostra anima, come un tocco improvviso e inatteso...” (Mensagem ao clero da região veneziana (21-4-59): AAS 51 (1959) 397); “Loidea del Concilio non è maturata quale frutto di prolungata considerazione, ma quale fiore spontaneo di inaspettata primavera” (Discurso aos presidentes diocesanos da Ação Católica Italiana (03-08-1959), citado em CAPRILLE I/1, 41); “Hac de causa, veluti intimaie supernoque quodam instinctu ortae voci obtemperantes, matura iam esse tempora exsistimavimus, ut catholicam Ecclesiam universamque hominum familiam novo Oecumenico Concilio donaremus...” (Constituição apostólica *Humanae salutis*, CDD, 844; cf. outros textos citados em CAPRILLE, I/1, 41-43; I/2, 16,297; II,2).

26. Ver nota anterior.

de Angelo Roncalli.²⁷ O terreno em que brotou a idéia de convocar um Concílio tinha sido preparado por toda uma vida de docilidade humilde e intrépida à vontade de Deus; por toda uma vida de estudo, de oração e meditação, de serviço à Igreja e de fé inquebrantável em sua vitalidade sobrenatural; de atenção aos "sinais dos tempos", às aspirações da humanidade e às necessidades pastorais da Igreja.²⁸

A "inspiração" de convocar o Concílio não foi conclusão de raciocínio nem se pode reduzir ao mero resultado de fatores psico-sociológicos, mas tampouco se deu à margem da situação. Tais "inspirações" se dão em pessoas, como João XXIII, dotadas de especial sensibilidade para captar a problemática e as exigências de determinada situação, e que se acham em atitude de profunda humildade, de interpretação, de reflexão e de oração ante estas situações. Nisto consiste o caráter carismático ou "inspirado" da idéia de convocar o Concílio.²⁹ "Inspiração" no presente caso significa singelamente o momento em que João XXIII chegou a conhecer claramente que a convocação dum Concílio Ecumênico era vontade de Deus; significa a consciência de ser movido pelo Espírito, de ser sujeito receptor de dons carismáticos. O que ele vê e aceita com a singeleza e humildade característica dos santos.³⁰

3. VATICANO II: CONCÍLIO DE "AGGIORNAMENTO" E PASTORAL

Do caráter carismático que a idéia de convocar o Concílio teve, não se segue que João XXIII não estivesse consciente da extraordinária importância de sua decisão.³¹ Porém, quando se tenta

27. O Cardeal Suenens descreve a harmonia entre a natureza e a graça deste "homem sem dualismos", da seguinte maneira: "João XXIII foi homem surpreendentemente natural e sobrenatural, de uma peça só. A natureza e a graça se tinham fundido em unidade viva, plétórica de encantos e surpresas. Movia-se no sobrenatural com a maior naturalidade. Seu natural, que era impossível perceber o ponto de soldadura. Respirava a fé como respirava saúde física e moral, a plenos pulmões" (citado em B. LAMBERT, *Nueva era de la Iglesia. Cartas sobre el Concilio*, Madrid, 1964, 32).

28. Para ampla documentação, cf. E. FOGLIASSO, *op. cit.*

29. Cf. E. SCHILLEBECKX, *La Iglesia de Cristo y el hombre moderno según el Vaticano II*, Madrid, 1969, 88-93; G. LERCARO, art. cit., 655-658.

30. Esta interpretação da "inspiração" de convocar o Concílio se pode fundamentar em alguns textos do mesmo João XXIII; cf. p. ex., o discurso aos venezianos (08-05-1962) citado em CAPRILLE I/1, 43; o discurso aos observadores não-católicos (13-10-1962), citado em CAPRILLE II, 13 s; as notas conclusivas dos Exercícios anuais (8/16-9-1962) recolhidas em seu diário: *Il Giornale dell'anima*, 330 s.

31. Cf., por exemplo: CAPRILLE I/1, 119, 319; II, 14; AAS 54 (1962) 36.

determinar a finalidade precisa do Vaticano II, a tarefa não se revele fácil. Deixando de lado aqui a discussão minuciosa deste problema, pode-se afirmar que na mente do papa a finalidade do Concílio era renovar em profundidade, espiritual e disciplinarmente, a vida da Igreja, de maneira que ela pudesse responder mais eficazmente por meio de sua ação pastoral às necessidades e exigências espirituais dos homens de hoje; o que, na intenção e na esperança do papa, devia preparar o caminho para a união entre os cristãos.³² João XXIII quis que o Concílio Ecumênico convocado por ele fosse concílio de *aggiornamento* e concílio pastoral, o que são, como se verá logo, dois aspectos inseparáveis da mesma finalidade conciliar. Esta orientação, dada ao Vaticano II desde o primeiro momento, fez dele tipo novo de concílio na história da Igreja.

3.1 *Gênese histórica da idéia do “aggiornamento”*

F. M. WILLAM, em obra³³ que foi considerada como “de longe”, a mais importante publicada até agora para a iluminação da figura de João XXIII e “ao mesmo tempo, de importância fundamental para a compreensão do Concílio Vaticano II”,³⁴ examinou cerca de 8.000 páginas dos escritos de Ângelo Roncalli com o fim de estudar a gênese histórica e conteúdo teológico e espiritual de sua idéia de *aggiornamento* e chega à conclusão de que ela foi a idéia motora e central de seu itinerário espiritual e de sua concepção da missão pastoral da Igreja no mundo. O autor descobre e analisa em seu estudo três formulações da idéia de *aggiornamento*.

A *primeira formulação* se encontra em nota de seu diário espiritual de 16 de janeiro de 1903. Nela estão contidos, *in nuce*, os elementos essenciais da que seria a partir de então, a idéia orientadora tanto da vida espiritual pessoal do jovem Ângelo Roncalli, como meio século mais tarde, do Concílio Vaticano II.³⁵

32. A princípio o papa acentuou sobretudo os temas da *unidade* e do *aggiornamento*. Em torno a estes dois temas, sobretudo em torno ao primeiro, se concentrou também a primeira literatura suscitada pelo anúncio e preparação do Concílio. Com freqüência se pensou que o fim primordial do Concílio seria a unidade dos cristãos; mal-entendido em parte causado por ter sido o termo “ecumênico” não poucas vezes falsamente interpretado neste sentido. K. BARTH (Cf. *Refléxions sur le deuxième Concile du Vatican*, Genève, 1964, 7 ss) viu, pelo contrário, muito agudamente que a finalidade primordial do Concílio não era a união dos cristãos, mas o dar à Igreja maior profundidade espiritual.

33. Cf. mais acima a nota 14.

34. Cf. a ampla recensão de J. RATZINGER: *ThQ* 148 (1968), 236-241 (o juízo citado, p. 237).

35. Dada a importância do texto, convém citá-lo integralmente: “A forza di toccarlo con mano mi sono convinto di una cosa: come cioè

Analisando esta primeira formulação, F. M. WILLAM distingue os elementos seguintes:

- 1.º A distinção entre substância e acidente, que o jovem Roncalli, então em contato direto com a obra de São Tomás, toma no sentido tomista original, quer dizer, distinguindo entre o núcleo dinâmico permanente da idéia e os elementos concretos nos quais ela se realiza.
- 2.º A importância dada ao que Roncalli chama "il succo vitale"; idéia que reaparecerá freqüentemente meio século mais tarde, em referência ao Concílio na expressão "substância viva" ou outras equivalentes.
- 3.º O tema da "datação", que está em conexão mais explícita e direta com a idéia de *aggiornamento*.
- 4.º O repúdio de reprodução e imitação servil dum tipo ideal de santidade.³⁶

A segunda formulação aparece em dezembro de 1903.³⁷ Para situá-la em seu contexto, F. M. WILLAM cita e comenta passagens dos escritos do jovem Roncalli. O texto se encontra nas notas dos Exercícios preparatórios para o diaconato. (9/18-12-1903). As notas são extensas e divididas em 15 pontos.³⁸ As passagens que

sia falso il concetto che della santità applicata a me stesso io mi sono formato. Nelle mie singole azioni, nelle piccole mancanze subito avvertite, richiamavo alla mente l'immagine di qualche santo cui mi proponevo d'imitare in tutte le cose più minute, come un pittore copia esattamente un quadro di Raffaello. Dicevo sempre se san Luigi in questo caso farebbe così e così, non farebbe questo o quell'altro, ecc. Avveniva però che io non arrivavo mai a raggiungere quanto mi ero immaginato di poter fare e m'inquietavo. È un sistema sbagliato. Della virtù dei santi io devo prendere la sostanza e non gli accidenti. Io non sono Luigi, dé devo santificarmi proprio come ha fatto lui, ma come il comporta il mio essere diverso, el mio carattere, le mie differenti condizioni. Non devo essere la riproduzione magra e stecchita di un tipo magari perfettissimo. Dio vuole che seguendo gli esempi dei santi, ne assorbiamo il succo vitale della virtù convertendolo nel nostro sangue ed adattandolo alle nostre singole attitudini speciali circostanze. San Luigi, se fosse quello che io sono, si santificherebbe in un modo diverso da quello che ha seguito" (*Il giornale dell'anima*, 112).

Na linha da interpretação de F. M. WILLAM se pode afirmar que a idéia de *aggiornamento* foi ao mesmo tempo orientadora e revolucionária tanto a nível pessoal como a nível eclesial e não menos em um que em outro nível. A propósito do primeiro, escreve J. RATZINGER: "Man darf darin wohl jene eigentliche Konversion Roncallis erblicken, die aus dem braven Seminaristen jenen Grossen machte, als die Welt seit 1958 kennenlernte" (*loc. cit.*, 237); e a propósito do segundo: "Mit seiner Idee des Aggiornamento hat er einen neuen Konzilstyp geschaffen und der Kirchengeschichte des zwanzigsten Jahrhunderts eine Wende gegeben, die vorher nicht abzusehen war" (*ibid.*, 236).

36. Cf. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 29-37.

37. Cf. *ibid.*, 45-52.

38. Cf. *Il giornale dell'anima*, 146-158.

interessam aqui se encontram sob o número 10 e no primeiro parágrafo do número 11. F. M. WILLAM as divide em sete pontos, dando-lhes como título geral "O cuidado e a preocupação pela fé em nossos dias":

- 1.º) Nos dias em que vivemos, a fé está em perigo;
- 2.º) Formulação filosófico-cognoscitiva da lei da diferenciação histórica;³⁹
- 3.º) A crítica é necessária;
- 4.º) Repúdio das teses avançadas no sentido do modernismo, da "interpretação transformística";
- 5.º) Distanciamento cheio de tato do princípio de adaptação lógica, no sentido dos teólogos contemporâneos;
- 6.º) Regras gerais para o futuro;
- 7.º) Propósitos para o presente.⁴⁰

Esta segunda formulação surge da primeira. Mas enquanto a "primeira tinha seu ponto de partida na atitude de Roncalli ante as perguntas da sua vida religiosa... , a segunda formulação adquire direção mais geral, filosófico-cognoscitiva, poder-se-ia dizer. É já tão densa, que doravante manterá sua consistência e nas alocuções conciliares voltará a aparecer quase literalmente".⁴¹

A terceira formulação é de 1907. Em ato acadêmico comemorando o cardeal Barônio, o professor Roncalli o apresenta como modelo de homem de fé e de homem de Igreja, que conhece as necessidades da hora presente e se esforça para lhes responder. Praticando no interior mesmo de sua conferência a "lei da diferenciação histórica", Roncalli advoga a introdução do método indutivo na Teologia como fundamento da "interpretação-adaptação".⁴² Neste

39. A "lei da diferenciação histórica" é tomada do cardeal Newman. Segundo ela, para transmitir um conteúdo espiritual dado, deve-se usar a linguagem mais em consonância com o universo mental do ouvinte e mais inteligível para ele. Deste modo se realiza a "adaptação" da linguagem ao longo da história para transmitir o mesmo conteúdo espiritual (cf. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 9).

Newman aplicara a lei de diferenciação histórica, na forma do princípio teológico da interpretação-adaptação, à evolução da doutrina da Igreja. O jovem Roncalli, sobre quem F. M. WILLAM crê que Newman exerceu notável influência, pelo menos indireta (Cf. *ibid.*, 13-16, 54-58, 91-96, 151-153) aplica este mesmo princípio ao dinamismo da santificação pessoal, à busca da forma de santidade mais apta e apropriada para ele, quer dizer, mais autêntica. 50 anos mais tarde este mesmo princípio, aplicado à vida espiritual de toda a Igreja, constituirá o núcleo da concepção de *aggiornamento* do Concílio Vaticano II.

40. Cf. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 48-52.

41. *ibid.*, 52.

42. Cf. A. G. RONCALLI, *Il Cardinale Cesare Baronio*. Conferenza tenuta il 4 Dicembre 1907 nel Seminario di Bergamo ricorrendo il terzo centenario della morte. Roma 1961, Edizioni di Storia e Letteratura.

discurso se tem visto o “germe” do futuro pontificado de João XXIII.⁴³ O núcleo da concepção do *aggiornamento* do papa Roncalli é de fato a aplicação da “diferenciação histórica” newmaniana à vida da Igreja, que só poderá levar a cabo sua missão de anunciar e viver a mensagem de salvação de que é portadora, conhecendo e levando em conta a situação, necessidades e exigências de cada época.

É significativo que estas formulações da “lei de diferenciação histórica” remontem à época em que a crise modernista estava em plena efervescência. A idéia de *aggiornamento*, aplicada à vida da Igreja, pode ser vista como tentativa de resposta aos problemas de fundo levantados pelo modernismo.⁴⁴ E o ter havido repercussão tão vasta durante o Concílio e no período pós-conciliar parece confirmar esta interpretação e validar a observação feita repetidas vezes por vários teólogos atuais, de que os problemas reais e fundamentais levantados pelo modernismo não se resolveram com os meios coercitivos, mas continuam se colocando e cada vez mais se torna imperioso procurar superá-los por outros caminhos.

:

3.2 *Um concílio de aggiornamento e pastoral*

João XXIII não concebeu o Vaticano II como concílio de restauração e sim como concílio de *aggiornamento*, não como concílio de anátemas e sim como concílio pastoral.⁴⁵ Não é de estranhar, pois, que a temática da relação Igreja-mundo, entendida em toda sua profundidade teológica e espiritual (e que neste nível coincide com o conceito de *aggiornamento* de João XXIII) tenha estado sempre presente nos discursos do papa desde a abertura da era conciliar em 25 de janeiro de 1959 até à abertura do próprio Concílio em 11 de outubro de 1962. Mas estava subjacente as formulações sobre os objetivos do Concílio que então apareciam um tanto vagas. O que *agora* é fácil de descobrir como componente

43. Cf. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 87-96. Quem primeiro viu na conferência sobre o cardeal Barônio o “germe” do futuro pontificado de João XXIII foi Dom Giuseppe de Luca, amigo pessoal do papa. F. M. WILLAM tomou esta afirmação como fio condutor de seu estudo (cf. *ibid.*, 6 s, 150). João XXIII expôs a idéia do *aggiornamento*, fundado na “lei da diferenciação histórica” em quatro ocasiões durante seu pontificado: uma antes do Concílio (4-10-61) e três durante o Concílio (11-10-62 = discurso inaugural; 4-11-62 e 23-12-62) nas quais, sem citar o nome de Santo Tomás, retoma o conteúdo de sua conferência de 4 de dezembro de 1907.

44. F. M. WILLAM, *op. cit.*, 87, chega a afirmar: “In Dezember 1907 gab es keinen zweiten Theologen, der so gut wie Prof. Roncalli zwischen den gerechtigten Anliegen des Buches ‘Program der Modernisten’ und der ungunen Lösungen zu unterscheiden verstand”.

45. Cf. J. RATZINGER, *Rückblick auf das Konzil*, 26-35.

essencial da finalidade do Vaticano II escapava então aos observadores mais perspicazes.⁴⁶

A explicitação desta temática nos discursos e documentos mais importantes de João XXIII anteriores à abertura do Concílio, não cabe dentro dos limites deste artigo.⁴⁷ Em vez disto, se analisará sobretudo o discurso de 11 de outubro de 1962, onde o papa expõe de maneira mais precisa e inclusive programática sua visão do mundo atual e da situação e missão da Igreja nele, e que terá de fato importância decisiva para orientação e desenvolvimento de todo o Concílio.⁴⁸

Vendo a situação da Igreja no mundo atual, no plano de fundo de séculos de história, o papa faz ressaltar a liberdade de que goza hoje e as novas possibilidades que se lhe oferecem para exercer sua missão no presente e no futuro. A extraordinária importância desta exposição, ao mesmo tempo histórica e programática, da relação Igreja-mundo está em que, com ela, pelo menos ao nível de princípios, o Concílio vira a página da Idade Média no momento de sua inauguração, abrindo oficialmente nova época na história da Igreja: e isto por exigência de verdade libertadora e de fidelidade concreta à missão permanente da Igreja no mundo. O significado teológico da crítica ao pessimismo "desses profetas

46. Cf. R. ROUQUETTE, *op. cit.*, I, 181 e também 118 e 271.

47. Cf. por exemplo: AAS 51 (1959), 65, 68, 511 (esta última passagem foi integralmente retomada no *Motu proprio Superno Dei nutu*: AAS 52 (1960) 434); CAPRILLE I/1, 121, 284-289; I/2, 122, 209. Na Constituição Apostólica *Humanae salutis* pela qual se convoca o Concílio, João XXIII apresenta descrição da situação espiritual do mundo de hoje, com seus problemas graves aos quais o Concílio deverá tentar oferecer resposta na linha de fé cristã (cf. CDD, 839-844). "Ante esse mundo, a atitude da Igreja não há de ser a de separação e ruptura, nem a de condenação, e sim a de abertura; abertura nascida do amor, da fé e da esperança da Igreja em Cristo Salvador do mundo e da história; abertura nascida igualmente da fé na indefectibilidade e na eficácia espiritual da missão da Igreja. A Igreja se reúne em Concílio consciente de que o que se lhe pede é injetar nas veias da humanidade hodierna a força perene, vital e divina do Evangelho" (*ibid.*, 840).

48. "O discurso inaugural de 11 de outubro de 1962 constitui um dos documentos mais importantes e mais decisivos da empreitada conciliar" (G. M. GARRONE, *El Concilio. Su unidad interna*, 16; segundo G. ALBERIGO, *La Constitución y el magisterio conciliar*, 206, as perspectivas abertas por João XXIII no discurso de abertura do Concílio, constituem desde o ponto de vista metodológico, seu contributo mais significativo ao trabalho conciliar. Também a imprensa captou desde o primeiro momento o novo espírito do discurso de João XXIII, sobretudo no que se refere à nova atitude da Igreja ante o mundo moderno (cf. algumas mostras destas reações da imprensa em CAPRILLE, II, 36-39). Ao que parece, o discurso foi redigido pessoalmente pelo papa, que, no dia 10 de setembro, durante os Exercícios anuais, escreve: "Qui tutto è preparazione dell'anima del Papa al Concilio: tutto, anche la preparazione al discorso di apertura" (*Il giornale dell'anima*, 327).

de calamidades que sempre estão anunciando infautos sucessos”, está em que ela é crítica da visão romântica da Idade Média e em geral de toda tentativa de restauração. João XXIII não concorda com certa visão da história da Igreja para a qual a Idade Média constitui a época ideal e que, conseqüentemente, considera as épocas posteriores como dissolução e destruição progressiva desta época ideal. Dá-se rápida olhada teológica e crítica à história das exigências centrais da fé, e se descobre que a ligação entre a Igreja e o mundo, tal como vivida na Idade Média, de que alguns têm tão sentidas saudades, era em realidade grave impedimento para a realização da missão da Igreja. O preço que esta tinha que pagar por sua participação no poder temporal era o de sua liberdade. “A Igreja estava em perigo de ser sufocada, por assim dizer, pelo abraço do mundo”.⁴⁹

O discurso inicial inaugural de João XXIII é exemplo insigne de crítica positiva. Não se criticam nem se condenam diretamente os aspectos negativos da Igreja do passado nem do presente. Sem ferir, nem acusar, com grande sensibilidade histórica e evangélica, se mostra singelamente que o poder temporal era também impedimento grave para a liberdade espiritual da Igreja, enquanto que hoje a debilidade temporal da Igreja é fonte de nova liberdade evangélica.⁵⁰ Não se pode negar — afirma o papa — que as novas condições... têm ao menos uma vantagem: a de terem feito desaparecer os inumeráveis obstáculos com que em outros tempos os filhos do século impediam o agir livre da Igreja.⁵¹

Rejeitar a restauração não significa, contudo, infidelidade à tradição. Da fidelidade de João XXIII à tradição não pode haver a mínima dúvida. Se rejeita a ilusão restauradora, não o faz por oposição ao passado como tal e sim porque a restauração é, em última análise, infidelidade à tradição viva da Igreja, que só se pode viver em formas sempre renovadas.

A concepção de *aggiornamento* de João XXIII é ao mesmo tempo essencialmente tradicional e radicalmente dinâmica.⁵² A meta do Concílio, dirá mais tarde o papa, é o “*aggiornamento* às novas exigências do mundo, na fidelidade ao testemunho do Senhor”.⁵³

49. J. RATZINGER, *Rückblick auf das Konzil*, 29.

50. Cf. *ibid.* Não é este o lugar para discutir as novas formas de ligação da Igreja com as novas formas de poder.

51. Cf. CDD, 860.

52. “Quello che importa è di sempre muoversi, non riposando sui solchi de contratte abitudini... essere sempre aperti alle esigenze legittime del tempo in cui siamo stati chiamati a vivere, affinché il Cristo sia in tutti i modi annunciato e conosciuto” (audiência geral de 20 de maio de 1960, citada em E. FOGLIASSO, *op. cit.*, 103; cf. também CAPRILLE I/2, 626 s).

53. Discurso na Igreja de Santa Sabina (7-3-62), citado em CAPRILLE, II, 106.

João XXIII ausculta e tem presentes os testemunhos vinte vezes seculares da tradição da Igreja do Oriente e Ocidente; ⁵⁴ assinalada inequivocamente como tarefa primordial do Concílio a custódia e ensino do depósito da fé, ⁵⁵ o que é em última análise, a finalidade de todos os Concílios. Mas sem se separar do patrimônio de verdade recebida dos Padres, “é necessário que a Igreja olhe também o presente, as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo moderno e que abriram novos caminhos ao apostolado católico”. ⁵⁶ A Igreja deve irradiar e fazer frutificar na vida dos indivíduos e das sociedades atuais a doutrina católica, patrimônio sagrado da verdade recebida dos antepassados na fé; ⁵⁷ o impulso e o dinamismo do *aggiornamento* têm que surgir precisamente de uma “adesão renovada” à autêntica tradição da Igreja. Mas esta doutrina da Igreja tem que ser “estudada e exposta através das formas de investigação de formulação literária do pensamento moderno”. O que é possível e necessário fazer na fidelidade íntegra ao antigo depósito de fé, porque “uma coisa é a substância da doutrina do *depositum fidei*, e outra é a formulação da qual esta se reveste; e é disto que se deve ter muito em conta — com paciência, se for necessário — atendendo-se em tudo às formas e proposições de um magistério de caráter prevalentemente pastoral”. ⁵⁸ Para que seu ministério possa ser eficaz a Igreja hoje tem que exercê-lo levando em conta muito mais reflexa e amplamente que no passado, o contexto histórico e cultural no qual se encontra; é preciso que ela estude, conheça e encontre no exercício de sua missão pastoral “as exigências modernas”; “a dinâmica dos tempos”, “as circunstâncias modernas”, “as exigências dos tempos e lugares”, “as novas exigências do mundo”. ⁵⁹ Como se vê por estas expressões, que se poderiam multiplicar, João XXIII põe a historicidade da Igreja, que entende no sentido da “lei da diferenciação histórica” do cardeal Newman, no centro da tarefa conciliar; ela é de fato de importância fundamental para a reta compreensão e realização da

54. Cf. CDD, 855-857.

55. “Quod Concilii Oecumenici interest, hoc est, ut sacrum christianae doctrinae depositum efficaciore ratione custodiat atque proponatur” (*ibid.*, 861).

56. *Ibid.*, 862.

57. “In primis necesse est, ne Ecclesia oculos a sacro veritatis patrimonio a maioribus accepto unquam avertat”. (*Ibid.*); o Concílio, diz mais adiante o papa, “integram, non imminutam, non detortam tradere vult doctrinam catholicam” (*Ibid.*, 863).

58. Traduzimos esta passagem com base no texto italiano porque na tradução latina a força do texto original e, conseqüentemente, a intenção profunda do papa, ficou desvirtuada. (Sobre a polémica levantada com motivo da tradução-interpretação desta passagem célebre, cf. CAPRILLE II, 5, nota 4).

59. Cf. FOGLESSO, *op. cit.*, 101-106.

missão da Igreja no mundo. E. Schillebeeckx viu nesta "psicologia escrutadora da situação Igreja-mundo" de João XXIII, sua contribuição mais importante para o Concílio Vaticano II.⁶⁰

Desde o ponto de vista da história da Igreja, talvez mais significativa que a crítica à visão pessimista da história e à atitude dela derivante, é a vontade explícita e repetidamente manifestada pelo papa de afastar-se do tipo clássico de concílio de anátemas.⁶¹ Também neste caso, se João XXIII se atreve a romper com uma tradição até então ininterrupta, não o faz evidentemente por afã superficial de adaptação conformista ao "espírito do tempo". Ele sabe muito bem e o diz expressamente, que não se pode renunciar ao escândalo da fé cristã sem renunciar *ipso facto* à mesma, sabe que não se pode pactuar com o erro nem ignorar os males do mundo atual.⁶² Mas está igualmente convencido de que o que nosso tempo precisa não são condenações, senão que se lhe diga positivamente o que há que fazer. Crê que para exercer "um magistério de caráter prevalentemente pastoral" é mais eficaz mostrar o positivo da doutrina cristã que condenar o negativo nas doutrinas errôneas.⁶³

:

À GUIA DE CONCLUSÃO: DIMENSÃO TEOLÓGICA E ESPIRITUAL DA IDÉIA DE "AGGIORNAMENTO"

O *aggiornamento*, tal como o entendia João XXIII, nada tem que ver com pastoralismo reformístico-extrinsecista, com mera modernização externa das estruturas da Igreja.

Os representantes do "néo-triunfalismo pós-conciliar" que concebem a necessidade do *aggiornamento* neste sentido, como adaptação superficial, modernização no sentido efficientista e tecnicista das estruturas externas da Igreja para que esta não perca o contato com o mundo que caminha à velocidade acelerada; com um "up to date" da "image" da Igreja para que não cause um "shock"

60. Cf. E. SCHILLEBEECKX, *op. cit.* (na nota 29), 94.

61. No anátema, contudo, há que ver não só o aspecto negativo da condenação, mas também o significado positivo das formulações dogmáticas negativas; ao delimitar só negativamente as fronteiras que não se podem traspasar, sem definir positivamente o dogma, se deixa aberto todo o campo para a reflexão sobre a fé dentro das fronteiras traçadas. Daí o alerta, já antes de começar o Concílio, não só por parte da Cúria Romana, senão também de historiadores e teólogos da mais diversa proveniência, contra a opção de renunciar à tradição conciliar dos anátemas (cf. J. RAZINGER, *Rückblick auf das Konzil*, 32-35).

62. Cf. CDD, 860 s, 863, 865 s.

63. "Ad praesens tempus quod attinet, Christi Sponsa placet misericordiae medicinam adhibere, potius quam severitatis arma suscipere; magis quam damnando, sua e doctrinae vim uberius explicando putat hodiernis necessitatibus esse consulendum" (CDD, 865 s).

negativo nos que a vêem desde fora: ⁶⁴ os promotores deste tipo de *aggiornamento* também crêem, é claro, na necessidade da renovação interna. Mas concebendo a renovação *ad intra* e a renovação *ad extra* como dois processos independentes e separados, não superaram a velha idéia da Igreja como “sociedade perfeita”, não superaram o dualismo, não entenderam nada da riqueza teológica e espiritual que tinha para João XXIII a idéia de *aggiornamento* quando a propôs como orientadora do Vaticano II.

O estudo de F. M. WILLAM sobre a gênese histórica da idéia de *aggiornamento* de João XXIII e a análise do discurso inaugural do Concílio, mostram que essa idéia e o programa conciliar dela derivado tampouco têm algo a ver com o “apaziguamento humanista da Igreja”. Historicamente, a idéia do *aggiornamento* não nasceu como programa de renovação e adaptação da doutrina e das estruturas da Igreja, senão que afunda suas raízes na busca da forma a mais autêntica de santidade para cada situação existencial e histórica. O *aggiornamento* só pode ser corretamente entendido e praticado a partir deste centro; e não somente quando aplicado à santificação pessoal individual senão também à santificação da Igreja. O *aggiornamento* do Concílio, como nota J. Ratzinger, não se situa ao nível da “scientia” (nem ao nível da “técnica”, haveria que acrescentar) mas ao nível da “ars”; tem que ser interpretado como a “arte” de realizar em cada situação histórica nova a tarefa substancialmente sempre idêntica da Igreja: uma existência verdadeiramente cristã e eclesial. ⁶⁵ Não se pode de maneira alguma compreender o *aggiornamento* aplicado à vida da Igreja, fazendo abstração do processo de santidade da mesma Igreja, senão que precisamente daqui brota o impulso e aqui se encontra a razão de ser dos demais aspectos dele. ⁶⁶

64. Cf. L. ALTING VON GEUSAU, *La Chiesa “scandalo del mondo”, en La fine della Chiesa come società perfetta* (obra em colaboração), Verona, 1969, 157-161. O Autor dá exemplos de como o “néo-triunfalismo pós-conciliar” interpreta a necessidade do *aggiornamento*: “L’uso della lingua parlata nella liturgia, un atteggiamento amichevole verso le religioni o le ideologie non cristiane, nuovi modi di vestirsi del clero o dei religiosi, l’uscire da certi tipi, ormai sorpassati, di strutture e di organizzazioni... Basterà che i palazzi vescovili si spostino o si trasformino in moderne costruzioni funzionali, che i seminaristi acquistino una mentalità più sveglia, “sportiva”, che i parroci... imparino a valersi dei moderni mezzi di comunicazione di massa, e la Chiesa ridiventerà di nuovo la migliore organizzazione, “al vertice” del mondo” (*Ibid.*, 158).

65. Cf. J. RATZINGER, recensão da obra de F. M. WILLAM em ThQ 148 (1968) 238; veja-se no mesmo sentido Id., *Was heisst Erneuerung der Kirche?*, in *Das neue Volk Gottes, Entwürfe zur Ekklesiologie*, Düsseldorf, 1969, 269-275.

66. Causa inevitável sensação de estranheza e de inconseqüência que H. Barion, que confessa expressamente querer servir-se da correta investigação teológica *científica* como arma principal para combater a “teologia progressista” (que, em sua opinião, dominou o Concílio Vati-

João XXIII não pretendeu primordialmente outra coisa ao convocar o Concílio Ecumênico Vaticano II. O que ele esperava do Concílio era profunda renovação espiritual de toda a vida da Igreja, como muito lucidamente viu K. Barth.⁶⁷ Os frutos do *aggiornamento* que João XXIII esperava só poderão brotar das profundidades de uma terra alimentada pelas águas vivas da fé, da esperança e do amor. Uma renovação interior de toda a existência eclesial não significa, contudo, renovação de tipo "interiorista".

Uma interpretação do conceito de *aggiornamento* neste sentido o falsificaria tão irremediavelmente como a interpretação de tipo "extrinsecista". Não pode haver renovação espiritual da vida interior da Igreja que não seja ao mesmo tempo renovação e vivificação de sua missão no mundo. *Aggiornamento* significa, por conseguinte, também e essencialmente, o esforço que a Igreja tem que fazer ininterruptamente para interpretar, viver e anunciar o conteúdo permanente da Revelação segundo as exigências do contexto de cada época histórica.⁶⁸ João XXIII esperava como fruto do Concílio uma irradiação mais intensa no mundo, da luz de Cristo através da Igreja; esperava um crescimento de suas riquezas e energias espirituais. Mas estava igualmente convencido de que era necessária uma profunda renovação, um "por em dia" suas estruturas, sua disciplina, sua doutrina, como condição necessária para que a mensagem de salvação que ela *tem que* anunciar possa ser "ouvida" e "obedecida" pelos homens de hoje.⁶⁹ Entendido neste sentido e nesta profundidade, o *aggiornamento* é uma "necessidade pastoral" permanente.⁷⁰

cano II), possa fazer taxativamente a afirmação tão pouco científica: "Seine Wahrheit (o Autor se refere à uma frase fundamental da tese de Carl Schmitt) wurde mit einem einzigen Schlage zunichte, als Johannes XXIII, das von ihm als *Aggiornamento* bezeichnete humanistische Appeasement der Kirche einleitete" (H. BARIÓN, "Weltgeschichtliche Machtform"? Eine Studie zur politischen Theologie des II. Vatikanischen Konzils, in *Epirrhosis* (Festgabe für Carl Schmitt), Berlin, 1968, 13-59, 19).

67. Cf. *loc. cit.*, na nota 32.

68. Pode-se ver em L. VERECKE, "Aggiornamento": *tâche historique de l'Eglise*, em *Studia Moralia IV. Commentaria in Constitutionem pastorem "Gaudium et Spes" Concilii Vaticani II*, Roma 1966, 43-72.

69. De maneira mais ou menos explícita, esta idéia está presente ao longo de todo o discurso inaugural (cf. CDD, 858, 861 s, 869 etc.). No dia seguinte ao da abertura do Concílio, o papa volta sobre este mesmo tema: "È noto ed evidente che un Concilio concerne anzitutto la Chiesa cattolica. Esso vuol manifestarne la vitalità e sottolineare la missione spirituale. Vuole altresì adattare i suoi mezzi, affinché la doutrina evangelica sia degnamente vissuta e più facilmente accolta fra i popoli. Esso vuole inoltre appianare la vie dell'encontro di tanti fratelli" (cf. CAPRILLE II, 9. O sublinhado é nosso).

70. Cf. C. BUTLER, *L'aggiornamento del Concilio Vaticano II*, in *La teologia dopo il Vaticano II* (ed. por J. H. MILLER, Brescia, 1967, 3-16).